

## **No Caminho de Belo Monte<sup>1</sup> Um vídeo que conta a verdade**

Kamila NASCIMENTO<sup>2</sup>  
Viviane MENNA<sup>3</sup>  
Faculdade Estácio do Pará, PA

### **RESUMO**

O audiovisual é a junção de dois elementos básicos: som e imagem. Essa união forma objetos de comunicação que estão no cotidiano de qualquer pessoa: cinema, videoclipe, televisão etc. Sabendo da importância do audiovisual para a comunicação global, principalmente quando o objetivo é informar situações de grande importância para uma sociedade, este trabalho foi produzido sobre ações de índios e militantes paraenses na Xingu + 23. O Videoclipe foi realizado com o intuito de divulgar as causas indígenas e foi baseado em estudos semióticos. Utilizando as imagens do encontro Xingu+23, que ocorreu no ano de 2012 na cidade de Altamira-PA, e trilha sonora de um ativista que estava presente no evento, foi feito um videoclipe baseado na teoria do audiovisual.

**Palavras-Chave:** Audiovisual; Comunicação Global; semiótica; videoclipe.

### **1 INTRODUÇÃO**

Esta produção audiovisual surgiu interligando os recursos dirigidos através da disciplina Semiótica da Comunicação, e a vivência na região da construção da hidrelétrica de Belo Monte, que fica no entorno do município de Altamira, no sudoeste do Pará. O tema tem relevância ambiental, política e social e, por ter pilares impróprios que causam polêmicas vem chamando atenção da sociedade de forma negativa.

Durante o Xingu +23 foram realizados debates, ações ativistas e a tradicional festa de Santo Antônio que dá nome a vila, esta que fica em frente ao canteiro de obras. Os moradores desta comunidade correm o risco de serem desertados a qualquer momento. A maioria das famílias enfrenta a tensão da desapropriação, enquanto uns aceitam o valor em dinheiro oferecido pelos responsáveis da obra e se retiram, os resistentes tem suas propriedades demolidas.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Videoclipe.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso Jornalismo. E-mail: [kamila.nascimento@hotmail.com.br](mailto:kamila.nascimento@hotmail.com.br).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Estácio FAP. E-mail: [viviane.barreto@estacio.br](mailto:viviane.barreto@estacio.br)

A oportunidade de documentar o evento Xingu +23 surgiu após a fundação do JUCI (Juventude Universitária Pelas Causas Indígenas), movimento este que procura divulgar os nuances que envolve a venda de créditos de carbono entre outras questões indígenas, do qual fiz parte. Enquanto parte da liderança universitária em questão se dirigia a Rio +20 a outra pequena parte seguiu para a região sudoeste do estado do Pará, as proximidades da região afetada pela construção da hidrelétrica de Belo Monte.

## **2 OBJETIVO**

O videoclipe tem por objetivo traduzir visualmente os problemas enfrentados entorno da polêmica construção da hidrelétrica de Belo Monte, através de uma linguagem direta, visando atingir o grande público, com a finalidade de não apenas informar mas também mobilizar.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O vídeo tem uma importância social, político e principalmente ambiental. Para retratar o que realmente ocorreu no Xingu+23, todo o trabalho foi feito com a trilha sonora de autoria de um ativista que participou ativamente de todo o processo contra a construção de Belo Monte e com fotos do meu arquivo pessoal.

Envolvida na matéria de Semiótica da Comunicação, percebi que seria válido produzir um videoclipe com a temática da construção da Hidrelétrica de Belo Monte. Como a ONG JUCI estava e está sendo reconhecida pelo trabalho desenvolvido pelos universitários fundadores, a oportunidade em fazer um trabalho voltado para o audiovisual – o qual está dentro da semiótica - e que ainda iria promover um debate interessante sobre um problema nacional e que não tem repercussão, não poderia passar despercebida.

## **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A produção audiovisual foi desenvolvida com base nos parâmetros do estudo da semiótica de Lúcia Santaella e na vivência obtida no evento Xingu+23.

Segundo Santaella, a mensagem tem diferentes naturezas, tais como a natureza da palavra, do som, do vídeo etc., o que inclui também misturas possíveis como: palavra e

imagem, por exemplo, ou hipermídia. De modo geral semiótica é a teoria de todos os tipos de signos, códigos, sinais e linguagem. Por tanto ela nos permite entender palavras, imagens, sons em todas as dimensões e tipos de manifestações e, além disso, a semiótica estuda os processos comunicacionais, pois não há mensagem sem signos e não há comunicação sem mensagem.

Assim, o trabalho foi produzido, primeiramente, para divulgar o evento Xingu+23 na página virtual da ONG JUCI, em tempo real, e mostrar o que realmente estava acontecendo, já que a mídia local não estava dando a menor importância para a situação caótica da região sudoeste do Pará e sim para os acontecimentos da Rio+20. Para que esta divulgação fosse completa, foi necessário conversar com representantes do Movimento Xingu Vivo Para Sempre, responsáveis pelas ações ativistas, e entrevistar os participantes com grande importância nas ações, que são os indígenas. A etnia que mais procurou expressar o que sentia, a opinião sobre toda a situação e o que o objetivo, foram os índios Mundurucus.

Para a criação do vídeo utilizamos o programa de edição Première CS6 da Adobe, e o vídeo tem uma linguagem visual simples, porém forte quando nos damos conta da importância dos fatos e que as imagens factuais são, em maior parte, de minha autoria. A trilha sonora do videoclipe é de autoria do músico Allan Jorge, que também esteve no evento Xingú +23 que vamos conhecer mais a frente, quem a interpretou foi Tábita Veloso.

Os índios da região atingida encontraram indícios de que alguma obra seria feita, quando tomaram ciência o projeto da Hidrelétrica de Belo Monte estava em andamento sem o consentimento das comunidades. Após buscar informações sobre a construção da hidrelétrica não obtiveram êxito, então propuseram o I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, período de 20 a 25 de fevereiro de 1989, com a finalidade de contrariar qualquer construção indevida. Este evento foi marcado principalmente pelo gesto polêmico da índia Kayapó Tuíra que tocou, com a lâmina do seu facão o rosto do então diretor da Eletronorte Antônio Muniz Lopes. Após o encontro surge o movimento Xingu Vivo Para Sempre que atualmente lidera as ações ativistas em prol da causa.

No último ano o evento Xingu +23, que aconteceu no mesmo período da Rio +20, lembrou os 23 anos da data do I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu e foi marcado por muita polêmica. O movimento reuniu cerca de 500 pessoas, dentre elas ativistas nativos e estrangeiros, os indígenas da região, ribeirinhos, a imprensa e celebridades. Sem qualquer

apoio financeiro os militantes que lideram as ações se utilizaram de diversas estratégias para arrecadar dinheiro para possibilitar a ida do maior número de voluntários.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A oportunidade em produzir materiais utilizados no videoclipe surgiu após ser fundada a ONG JUCI – Juventude Universitária pelas Causas Indígenas. Todo o registro foi feito na companhia e com o consentimento dos militantes e de indígenas da região. A única impressa que obtivera a autorização em captar todo o processo de manifesto por parte dos ativistas, foram dois jornalistas de certa empresa de comunicação da capital paraense, e duas representantes do JUCI – no caso, minha participação e de mais uma integrante do movimento pelas causas indígenas. Sem ter muito recurso financeiro, os ativistas que saíram de Belém, rumo à região sudoeste do Pará, contaram com transportes em condições precárias. Foram utilizados dois ônibus que tiveram a data de saída diferenciada.

Sem um veículo apropriado e, sendo obrigado a enfrentar a estrada Transamazônica, a qual liga a capital a vários municípios paraenses localizados na região sudoeste do estado, a viagem que normalmente, é feita durante 18 horas de tempo, foi feita em mais de 30 horas. O alojamento foi improvisado com lonas e material disposto pela própria natureza, como a madeira. Foram feitas grandes coberturas para que indígenas e militantes pudessem se abrigar durante o período do evento, e banheiros comunitários foram implantados com o mesmo material dos “dormitórios”. Tudo foi feito na vila de Santo Antônio, que fica localizada no entorno de Altamira, mais precisamente, enfrente ao canteiro de obra da hidrelétrica de Belo Monte.

Antes de se iniciarem os manifestos, foram realizadas as tradicionais homenagens a Santo Antônio - já que o santo dá nome à comunidade -, assembleias para decidir como seriam feitas as ações e debates para conscientizar os moradores da vila, das consequências da construção da hidrelétrica, a qual vai inundar grande parte dos territórios indígenas e de comunidades que ficam ao redor. Além das inundações, a usina vai ficar parada grande parte do ano.

Assim que todos os manifestantes se reuniram, foi feita uma reunião para as últimas informações do que seria encontrado durante as ações e quais as atitudes deveriam ser

tomadas caso algo desse errado. Foi decidido que os militantes iriam invadir e acampar no canteiro de obra. Com o dinheiro arrecado, os ativistas compraram ferramentas para destruir a ensecadeira – grande faixa de areia que divide o rio Xingu – e para serem plantadas cerca de duzentas mudas de açaí, como forma de reconstituir arborização retirada do local. Tudo foi feito de forma simbólica.

No momento da ocupação, que ocorreu antes do nascer do sol, houve correria entre os ativistas, pois se temia o ataque agressivo por parte dos funcionários da obra. Assim que todos chegaram a ensecadeira, se iniciaram os manifestos. Enquanto uns usavam pás para abrir a grande faixa de areia para que o rio voltasse ao seu percurso normal, outros implantavam pequenas cruces de madeira no leito do rio, simbolizando as mortes causadas pela obra. Mais adiante, outros ativistas plantavam as mudas de açaí na entrada ensecadeira.

Outra ação, de grande importância para os indígenas, foi a pajelança, que é feita pelo líder da etnia indígena. A pajelança é um ritual, onde o pajé enterra uma representação de cobra, soltando fumaças e fazendo uma espécie de reza. Depois das ações simbólicas, foi feita uma faixa humana com a frase “Pare Belo Monte”. Este gesto teve grande repercussão.

Após perceber que seria perigoso acampar no local da obra, os militantes resolveram voltar para a vila de Santo Antônio e pensar em outra estratégia para prejudicar a obra, fazendo com que a construção fique parada por um tempo. Mesmo não estando dentro da obra, os indígenas continuaram fazendo protestos. Desta vez a estrada Transamazônica foi fechada por um tempo. Na manhã do dia seguinte, outros manifestos foram feitos, porém desta vez as atitudes dos militantes foram um pouco mais radicais. A área administrativa foi invadida e destruída pelos indígenas.

Correndo o risco de serem interditados pela polícia, todos os militantes se dirigiram para a cidade de Altamira o mais rápido possível e todos se alojaram em um grande espaço pertencente ao Comitê Xingu Vivo. Um dos objetivos da ida das representantes do JUCI para Altamira, era divulgar em tempo real o que realmente estava acontecendo no evento Xingu+23. Todas as informações seriam colocadas na página da ONG JUCI. Infelizmente nada pode ir para a página no período do evento. A responsável pela obra, a Eletronorte, interrompeu o sinal de internet e celular durante todo o período em que os manifestantes permaneceram na comunidade de Santo Antônio e puseram homens para vigiar todos os ativistas e indígenas presentes. Outro problema enfrentado pelos ativistas e moradores da vila, foram as constantes interrupções de energia elétrica.

Depois do encerramento do Xingu+23, que teve a presença da imprensa estrangeira, os ativistas se depararam com as consequências dos vários atos contra a construção da usina. A área administrativa da obra tinha algumas câmeras de segurança. Mesmo sendo destruídas pelos índios, representantes da Eletronorte ainda conseguiu algumas imagens de quem estava participando a ação. Os líderes do Xingu Vivo Para Sempre foram presos, e foi divulgado que os ativistas reconhecidos nas imagens seriam processados.

Mais tarde os indígenas voltaram para o canteiro de obra e conseguiram paralisar o trabalho dos funcionários. Os militantes que permanecem em Altamira são proibidos de andar por algumas ruas do município e quando fazem manifestos contra a construção, imediatamente providencias são tomadas para que os habitantes de Altamir não saibam do que realmente está acontecendo. Programas de televisão já foram tirados do ar por propagarem a ideia de que a obra não será benéfica para a região.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

O videoclipe tem uma estética política e um compromisso com a verdade em relação à situação vivida pelos moradores da região de Altamira. Sabendo que no município e principalmente nas pequenas comunidades que ficam próximas a construção ou que vão se direta ou indiretamente afetadas pela hidrelétrica, existe uma política muito parecida com uma ditadura. Ninguém pode expressar o que viu, o que sofreu ou o que acha sobre a construção.

Moradores com grandes influencias como o fundador da vila de Santo Antônio, sofrem frequentemente todo tipo de ameaças. Uma prova de que não existe liberdade de expressão na região, é o esvaziamento que está ocorrendo na comunidade. Antigamente, existiam mais de cinquenta famílias morando no local. Até o período do Xingu+23, existiam apenas nove. Não se sabe se ainda existe essa quantidade famílias na comunidade.

Eilio, fundador da vila, estava sendo obrigado a pagar uma multa com o valor alto porque ele não queria se retirar de sua moradia.

Segundo o fundador de Santo Antônio, o processo feito pelos representantes da construção de Belo Monte é feita da seguinte forma: primeiramente é apresentada uma proposta de compra com um valor muito abaixo do que realmente a terra vale, se houver resistência, chega uma mandato de despejo e se o morador continuar na casa, tudo é demolido sem se preocupar se existe ou não alguém dentro da residência. Crianças da

escola da vila, fizeram cartazes afirmando que não gostam da construção, pois ela (a obra) levou seus amigos embora.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: 1º Edição, 2002.

COELHO NETO, José Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**: diagrama da teoria do signo. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 4. ed. São Paulo: perspectiva, 1997

### **Sites**

Dados obtidos através do site [WWW.XINGUVIVO.ORG.BR](http://WWW.XINGUVIVO.ORG.BR) do Comitê Xingu Vivo Para Sempre.